

Escola também é lugar de agricultura urbana

Por Emerson Rocha ◀



Parceria entre colégio e Fiocruz transforma práticas de alimentação de estudantes

Uma das definições de educação é a “aplicação dos métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano”. Baseada nessa visão, a direção do Colégio Estadual Brigadeiro Schorcht, na Taquara, Zona Oeste do Rio de Janeiro, decidiu abrir espaço para novas experiências pedagógicas. Desde 2012, a unidade pública passa por um processo de transformação, que está em andamento e tem tido grande aceitação dos alunos.

O primeiro passo foi firmar uma parceria com o Programa de Desenvolvimento do *Campus* Fiocruz Mata Atlântica (PDCF-MA). Por meio Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e do edital Apoio à Melhoria do Ensino nas Escolas Públicas, a parceria foi iniciada com a criação de um espaço para horta orgânica, em uma área subaproveitada da escola. No local, atualmente, há uma plantação agroecológica com diversos tipos de temperos, vegetais, verduras e frutas.

Os alunos foram apresentados a outras práticas de educação ambiental, o que gerou a instalação de sistemas de coleta de água de chuva para irrigar a horta e de captação de energia solar para aquecimento de água dos vestiários feminino e masculino. “Cada equipamento desses foi projetado pelos próprios alunos. Eles participaram de todo o processo, desde as oficinas até a produção e manutenção dessas tecnologias, que são de baixo custo”, explicou o diretor adjunto da escola e biólogo, Marco Aurélio Berao Silva.

“Essas tecnologias estão disponíveis e podem ser usadas e reproduzidas. A ideia era que escola fosse um modelo para que os estudantes replicassem os projetos nas casas deles”, conta o diretor. Outra mudança importante ocorrida durante o processo de desenvolvimento das tecnologias sociais foi a alimentação dos estudantes.

Cozinha e compostagem

A partir dessa parceria com a Fiocruz, a direção se mobilizou para inaugurar uma cozinha e um refeitório, já que os alimentos distribuídos aos alunos eram industrializados. Agora, as refeições são feitas no local, com produtos mais saudáveis. A escola fechou uma parceria com a Associação de Agricultores Orgânicos de Vargem Grande para fornecimento de alimentos agroecológicos, via Programa Nacional de Alimentação Escolar. A horta interna contribui, principalmente, com condimentos e temperos.

Com a cozinha, os estudantes puderam aprender sobre os diferentes tipos de composteiras para receber o lixo gerado. Os resíduos orgânicos são destinados à composteira e garantem adubo de excelente qualidade para os vasos e canteiros da horta. Além disso, a comunidade escolar já incorporou o hábito de separar materiais recicláveis e óleo de cozinha saturado para doação a instituições parceiras. Nos últimos três meses, a escola destinou em torno de 100 Kg de resíduo orgânico da cozinha para a compostagem.

Para o estudante Marcos Aurélio Santos de Almeida, do 2º ano do Ensino Médio, a oficina de horta orgânica está sendo satisfatória para a própria alimentação. “Nunca tive contato com horta. Aprendi muito. Consigo até levar alguns alimentos plantados aqui para casa. Minha família gosta bastante, até por não ter agrotóxico. A gente aprendeu a perceber essa diferença”, disse o estudante de 16 anos.

A oficina de agricultura urbana do Brigadeiro Schorcht tem cerca de 20 alunos. O coordenador do projeto pela Fiocruz, Robson Patrocínio, explica que o trabalho é resultado do compartilhamento de saberes. “O essencial para dar certo é uma construção coletiva. Desenvolver, junto com a comunidade escolar, as ações feitas por eles. Não foi nada definido pela Fiocruz. Além, é claro, do envolvimento da direção e dos professores que abraçaram a ideia, e dos alunos, que tiveram voz para poder discutir as propostas.”, finalizou.

Casa Abrigo promove cidadania e dignidade

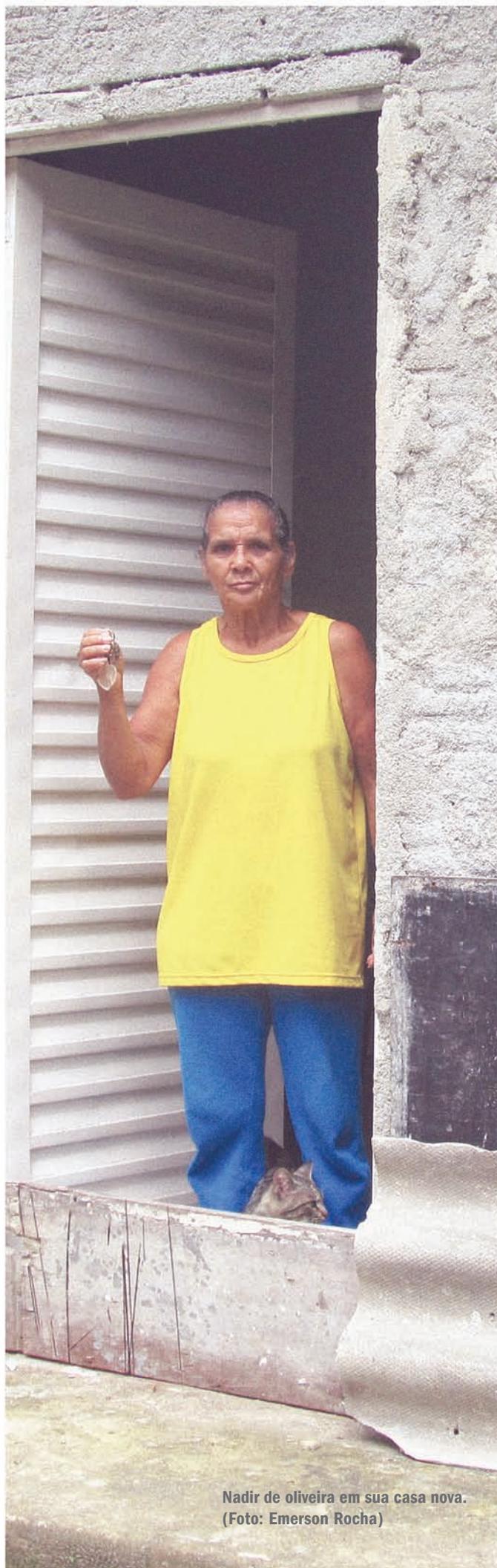
Projeto da Fiocruz
Mata Atlântica contribui
com a construção de
moradias seguras

A pensionista Nadir de Oliveira Santos, de 67 anos, viveu um drama quando teve a casa condenada pela Defesa Civil, em 2013. Ela morava em um espaço de aproximadamente dez metros quadrados, na comunidade Caminho da Cachoeira, na Colônia Juliano Moreira, Taquara, Zona Oeste do Rio de Janeiro. O imóvel, bastante precário, foi muito danificado pelas fortes chuvas de verão.

Viúva e mãe de seis filhos, Nadir recebeu a visita da equipe social do Programa de Desenvolvimento do *Campus* Fiocruz Mata Atlântica (PDCFMA), que a convidou para participar do Casa Abrigo. O projeto foi desenvolvido por equipes interdisciplinares do Programa com base no projeto de Regularização Urbanística e Fundiária das comunidades do entorno do *campus*, que tem o objetivo de garantir o direito à moradia e à terra, visando à saúde das famílias e à sustentabilidade do território

O Casa Abrigo envolve assessoria técnica em um projeto arquitetônico modelo, com orientação e acompanhamento sobre técnicas de construção civil e mobilização social. Parte dos materiais é doado por empresas, como ação de responsabilidade social, e o autoempreendimento da construção das moradias feito pelas próprias famílias, em mutirão ou não. O principal desafio foi o de criar alternativas emergenciais para estas famílias saírem da situação de risco iminente à vida.

“Minha casa estava em risco, poderia desabar a qualquer momento. Me falaram que teria que sair de lá. Não queria morar com meus filhos. Foi aí que apareceu a Fiocruz na minha vida. Foi maravilhoso, uma benção. Hoje tenho quarto, sala, cozinha, banheiro e quintal, onde faço minha horta. Vou fazer ainda uma varanda. Está uma beleza. Tenho condições de receber meus filhos e netos”, disse.



Nadir de oliveira em sua casa nova.
(Foto: Emerson Rocha)

► Por Emerson Rocha

O projeto

Atualmente, 13 famílias da Colônia Juliano Moreira participam do Casa Abrigo. Todas elas tiveram suas moradias interditadas pela Defesa Civil no período de 2013 a 2015. Uma foi a da dona de casa, Helena Joana de Queiroz, de 62 anos. Ela também estava com a residência muito prejudicada e as rachaduras começaram a aumentar. “Fui orientada a conversar com o pessoal da Fiocruz, que me indicou ligar para a Defesa Civil. Depois de tudo isso, entrei no projeto e ganhei outro terreno, mas na comunidade Viana do Castelo, o que foi muito melhor para minha família. Meu marido teve um acidente vascular cerebral e está com dificuldades de locomoção. Como o local onde será a casa nova fica mais perto da estrada, a gente anda bem menos para ir ao médico”, conta Helena Joana, que tem a previsão de mudança para o início de 2019.

O mesmo aconteceu com a dona de casa Rosana Queiroz, de 54 anos. “Onde moro atualmente é bem antigo e só vem piorando a cada dia, além de ser muito perto do rio. Tem grandes riscos. Estou com muita expectativa pela mudança, pois a casa nova será muito melhor. Já fui lá e fiz minha parte. O terreno estava desnivelado e com matagal. Tive que capinar tudo e conseguir aterro para colocar certinho. Vou morar sozinha e com uma estrutura maior. Estou ansiosa, pois terei a oportunidade de ter um espaço para plantar, o que adoro fazer. Não vejo a hora de iniciar e terminar a obra”, afirma.

Apoio técnico

Um dos responsáveis pelo projeto é o arquiteto e urbanista Marcos Fonseca. Para ele, a ideia é que haja cooperação das partes envolvidas nas obras, com o protagonismo sendo da população. “O nosso objetivo é promover a superação de situações de risco e melhoria nas condições do *habitat* e na qualidade de vida, por meio de assessoria técnica interdisciplinar e do estímulo a ações comunitárias e de responsabilidade social de empresas da área de construção civil. A assistência feita junto a cada família conta com o atendimento por profissionais do *campus*, respeitando as escolhas e o tempo de cada uma para a realização das obras”, explica.